



INRI PEREGRINO

Veículos que fizeram e fazem parte da vida de **INRI CRISTO**
em suas andanças sobre a terra

Asusana Renard

INRI PEREGRINO

VEÍCULOS QUE FIZERAM PARTE
DO APRENDIZADO EMPÍRICO DE
INRI CRISTO EM SUAS ANDANÇAS
SOBRE A TERRA

Asusana Renard

12/07/2014 - © Copyright by:

SOUST
Suprema Ordem Universal
da
Santíssima Trindade

Produção:
Asusana Renard

Editoração:
Adeí Schmidt

Revisão:
Amaí Gabardo
Gislene Granich

Fotos:
Capa: Ivan Canabrava
Contracapa: João Campello

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Renard, Asusana

INRI Peregrino – Veículos que fizeram parte do aprendizado empírico de Inri Cristo em suas andanças sobre a terra — Asusana Renard. SOUST – Suprema Ordem Universal da Santíssima Trindade . — Brasília: LER Editora, 2014. 76 p.; il.; 19 cm.

ISBN: 978-85-64898-63-9

1. Literatura Brasileira. 2. Documentação – autoria. 3. Metafísica. I. Título.

CDU 002
111

www.inricristo.org.br

INTRODUÇÃO

Este livro consiste num registro de histórias, experiências de INRI CRISTO com veículos que usou desde sua juventude, vida pública na fase adulta, até chegar à condição de Messias. É um livro de lembranças que fazem parte de sua longa trajetória... INRI viveu intensamente cada momento de sua vida, na luta, na dor, no júbilo, no amor... como se tivesse vivido muitas vidas em uma só existência.

Mesmo antes do jejum em 1979, quando INRI teve a revelação de sua identidade, observamos sua vivência sem livre arbítrio obediente à ÚNICA VOZ que o comanda desde a infância. Percebemos em INRI CRISTO uma personalidade incomum, caráter forte e determinado, de singular coragem e ousadia, que lhe facultou transitar destemidamente pelos insólitos caminhos que o destino lhe reservara...

INRI passou por dezenas de acidentes de automóvel, alguns beirando a fatalidade, mas tudo isso a Providência Divina permitiu que acontecesse a fim de lhe dar poder, autoridade e a consciência plena de que não poderá partir da Terra enquanto não tiver cumprido sua missão.

SUMÁRIO

O FORD ALEMÃO	7
A MERCURY 49	9
O AUSTIN A-10	11
A CARTEIRA DE HABILITAÇÃO.....	13
A HUDSON.....	14
O GORDINI.....	16
O PRIMEIRO FUSCA	18
O SEGUNDO FUSCA	20
O CORCEL AZUL	22
O KARMANN GHIA TC.....	23
O CORCEL BRANCO.....	24
O CORCEL AZUL	27
O DODGE DART.....	28
DOIS ACIDENTES NUM SÓ DIA.....	28
O PRIMEIRO LANDAU	35
O MAVERICK.....	35
O CHARGE RT	37
O LANDAU COM CHOFEER.....	39

LA CARAVANE	41
A DIVINA REVOLUÇÃO EM BELÉM.....	43
E O CAMINHÃO TOMARA-QUE-CHOVA.....	43
A PRIMEIRA KOMBI DA SOUST	46
O ANDOR.....	47
A SEGUNDA KOMBI	49
A MB - 180 D	50
O MOTOR-HOME MERCEDES BENZ	52
A MONTANHA E AS TOYOTAS	54
O SEGUNDO MOTOR-HOME	60
A SPRINTER.....	64
A JUMENTA.....	65
VEÍCULOS DE DIVULGAÇÃO.....	66
ELE VIRÁ SOBRE AS NUVENS... ..	70

O FORD ALEMÃO

A primeira vez que INRI dirigiu um veículo foi aos treze anos, quando trabalhava em uma quitanda, em Blumenau – SC, propriedade de um japonês, Jutaro Iriê. Certa ocasião, o filho dele, Mário Kenji, levou o jovem INRI nesse veículo; ia comprar mamão na colônia para depois vender na cidade. Ele dirigia um Ford Alemão azul. Durante a viagem parou de repente e disse:

- Quer dirigir?



Imagem ilustrativa. Veículo com as mesmas características e ano de fabricação

Era um veículo de “caixa seca”, complicado para trocar a marcha. INRI dirigiu um trecho do caminho; como se tratava de estrada de chão e não havia veículos oponentes, sentiu-se entusiasmado.

Sua segunda experiência com veículos foi quando Jutaro Iriê, japonês chefe da família, morreu e deixaram INRI cuidando da quitanda. Ao final da tarde, Juiti Iriê, um dos filhos, vinha com um Jipe recolher o dinheiro das vendas. Numa dessas ocasiões, ele deixou o veículo próximo à quitanda e foi dar uma volta...

Ao ver o Jipe com a chave na ignição, o menino INRI não resistiu. Havia um carro Mercury cupê preta, ano 46, placa de Rolândia – PR, estacionado em frente ao restaurante Palmital. Ao acelerar o Jipe, por um momento INRI acreditou que ia colidir com a Mercury... e bateu! O dono do veículo saiu do restaurante furioso. Os japoneses tiveram que arcar com as despesas. Foi doído para INRI ver a viúva Riono Iriê, proprietária da quitanda, contar o dinheiro para pagar o estrago. É lógico que todos os meses descontaram o prejuízo nos seus proventos.

A MERCURY 49

Aos dezesseis anos, INRI passou a trabalhar como caixeiro viajante, percorrendo o Rio Grande do Sul. Certa ocasião, no início de 1966, ainda antes de completar 18 anos, hospedado no hotel Menegotto, na praça Rui Barbosa, em Caxias do Sul, teve a inspiração de viajar em direção a Gramado, onde conheceu um sargento da brigada militar, delegado de polícia que lhe vendeu uma Mercury ano 49, 105 HP. Como INRI não tinha carteira, o delegado lhe concedeu uma licença para dirigir. Ficou aproximadamente dois meses com a Mercury.



Imagem ilustrativa. Veículo com as mesmas características e ano de fabricação

Saiu com o carro em direção a Taquara, no interior do Rio Grande do Sul. Ainda não dominava bem o veículo, cujo câmbio

era próximo ao volante. Em uma descida na saída de Gramado, um caminhão o obrigou a frear e a Mercury atravessou a rua; ele então constatou que o carro só possuía freio em uma roda e por conta da freada brusca acabou furando o pneu careca. Foi em busca de alguém que fizesse a troca; após o conserto seguiu viagem. Naquele tempo o preço da gasolina era bem acessível, então foi de Gramado a Taquara usando unicamente a segunda marcha, pois não sabia como trocar para a terceira...

Quando chegou ao hotel, em Taquara, ele olhou a entrada e pensou: “Vou ter que entrar aí”. Mirou bem o portão dos dois lados e entrou! Estacionou no pátio e foi até a recepção falar com o dono. Este tinha um veículo DKW Vemag. Perguntou se ele poderia manobrar o veículo e ficou de olho para ver onde o homem mudava a marcha. Ao relatar este momento, INRI relembra que havia uma TV com imagem em preto e branco no restaurante do hotel... Foi a primeira vez que ouviu e viu Chico Buarque tocando a música “A Banda”, cuja melodia apreciou muito...

De Taquara ele foi a São Francisco de Paula, também no Rio Grande do Sul. Hospedou-se no hotel Minuano. O carro começou a apresentar problemas de bateria, alternador etc. mesmo assim conseguiu chegar até Canela. Diz ele que lá a Mercury arriou de vez. E para tirar da oficina precisava de muito dinheiro. O dono da oficina percebeu que INRI estava sem condições pecuniárias para pagar o conserto do veículo e ofereceu-lhe um Austin, cujo dono, um alfaiate, havia se interessado na Mercury e queria negociar. Fizeram negócio. INRI então saiu dali com o Austin A 10, ano 1947.

O AUSTIN A-10



Imagem ilustrativa. Veículo com as mesmas características e ano de fabricação

Esse carro subia os morros quase parando. Tinha motor muito fraco, 25 HP. Chegando a Caxias do Sul, o Austin apresentou problema na embreagem, e só havia uma oficina que cuidava de Austin. INRI conseguiu um disco de embreagem, mas chegando a Vacaria, numa subida íngreme, ao tentar engatar a primeira marcha, a embreagem pifou novamente. Ao frear arrebentou o cano do óleo do freio... ele olhou para trás e vinha um caminhão! Teve só um instante para decidir: era o caminhão ou o barranco... Embarancou! Levou o veículo com um guincho para a oficina em Vacaria. Era desesperador saber que o problema continuava sendo o disco de embreagem e para conseguir outro disco teria que mandar vir de Caxias do Sul.

Naquele tempo os telefones dependiam de telefonistas; eram uns telefones pretos e grandes. Enquanto aguardava a ligação da telefonista da oficina, o mecânico chega surpreso dizendo que não precisava mais, que encontrou o disco novo embaixo do banco. Explicou que o mecânico de Caxias fez um “chuncho”, um remendo no disco antigo e escondeu o novo no intuito de escamoteá-lo, todavia esqueceu-se de pegá-lo no local onde havia deixado...

Seguindo adiante, ao chegar em Warnow, nas proximidades de Blumenau, o Austin parou e INRI teve que passar a noite de “Natal” sentado naquele minúsculo veículo.

Ao amanhecer ele olha a paisagem e percebe que está em frente à casa de um tio, Paulo, irmão de Magdalena Theiss. Este não nutria nenhuma afetividade por INRI, que era visto como ex-comungado desde que rompera com a igreja romana no confessional, na pessoa do frei Roberto Hofmann.

INRI abriu o capô para tentar descobrir o problema. Atrás dele estacionou um “Simca Chambord”, na época considerado um carro de luxo. Um primo por parte de sua avó, Brigitta Morette, dono de uma churrascaria em Apiúna, desceu do carro e ofereceu ajuda. Ao verificar o veículo, disse que a gasolina suja havia entupido a agulha, algo bem simples de resolver. O veículo voltou a funcionar.

Finalmente conseguiu chegar a Blumenau com o Austin A 10. Alguns dias depois decidiu vendê-lo, pois almejava tirar a carteira de motorista e para isso precisava de dinheiro. O carro tinha um certificado de propriedade acompanhado de um calhamaço de recibos com a assinatura dos antigos proprietários; só então INRI percebeu como seria difícil vender o Austin. Após ofertar a muitos, finalmente conseguiu vendê-lo para Antônio Domingos Alves, que o conhecia bem e não duvidou da origem do carro. Antonio alegou ter relações estreitas com um delegado de polícia e poderia legalizar a documentação. Pagou 300 mil cruzeiros, um preço bem abaixo do que havia custado para INRI.

A CARTEIRA DE HABILITAÇÃO

Após completar 18 anos, INRI foi a Florianópolis tirar sua carteira de motorista. Naquele tempo, em Santa Catarina a habilitação só era expedida na capital. Estava com o dinheiro contado para pagar as taxas e alugar o caminhão, pois queria tirar carteira profissional. Caso não passasse nos testes, voltaria a Blumenau arrasado, pois estava somente com o dinheiro do ônibus, não poderia pagar hotel. Queria carteira profissional a fim de sobreviver em qualquer lugar, fosse como motorista de caminhão ou de táxi.

Alugou um Ford F 600 freio a vácuo. Fez todos os testes teóricos e passou. Ao chegar a hora do teste prático em Estreito, entorno de Florianópolis, era um local próximo ao Detran e o inspetor, que foi junto na cabine, começou a dar as ordens. Direita, esquerda... INRI foi obedecendo. Houve um momento em que o inspetor disse para INRI acelerar; ele acelerou. Estavam aproximando-se da esquina, ele continuava dizendo para acelerar, mas era uma pegadinha... Quando chegou bem na esquina INRI deu uma freada e o inspetor quase bateu a cabeça. Dissimulado, assustado, perguntou o porquê da freada brusca. INRI explicou que não podia ir em frente, pois tinha que parar na preferencial. O inspetor então respondeu que ele havia passado no teste. Assim INRI voltou a Blumenau habilitado.

A HUDSON

Passado algum tempo, seguindo a voz interna que o comanda, INRI retornou a Florianópolis em busca de um veículo para acelerar seu trabalho de mascate. Ainda em 1967, numa oficina, comprou uma Hudson azul ano 1947 que tinha um curioso sistema próximo à embreagem permitindo trocar as estações de rádio com o pé.



Imagem ilustrativa. Veículo com as mesmas características e ano de fabricação

O proprietário do veículo se chamava Nilton Coelho. Ele era dono da oficina e garantiu que o veículo estava em ótimo estado. INRI comprou o carro dando uma entrada e assumindo dez prestações de 100.000 cruzeiros da época, com promissórias. Chegando a Camboriú, pouco depois de Florianópolis, a Hudson começou a produzir um estranho barulho “toc, toc”... Chegando ao trevo de Itajaí – SC, o barulho foi aumentando cada vez mais e o veículo fez “toc, toc, toc, toc” até que parou. INRI dormiu aquela noite dentro da Hudson. Pela manhã encontrou um mecânico que

o ajudou a levar a Hudson até Blumenau. Na oficina constataram que a coroa e pinhão estavam remendados e haviam colocado grafite e banana verde no diferencial para abafar o ruído e ludibriar o novo proprietário.

Após o concerto, INRI andou alguns meses com esse veículo pelas redondezas do Vale do Itajaí. Ele nos conta que, certa ocasião, viajando de Gaspar a Blumenau, estavam com ele a bordo Wilhelm e Magdalena Theiss. Chovia torrencialmente e o limpador de pára-brisa quebrou durante o trajeto. Mesmo assim INRI assumiu o risco, posicionou-se com o rosto bem próximo ao pára-brisa dianteiro, acendeu os faróis e prosseguiu viagem. Mal se podia enxergar a estrada.

Quando finalmente chegaram em casa, Wilhelm Theiss postou as mãos ao céu e disse:

“Graças a DEUS, chegamos!”

Exteriorizando a indignação de quem não reconhecia qualquer intervenção divina em haverem chegado sãos e salvos, INRI respondeu-lhe:

“Eu que, a duras penas, trouxe vocês até aqui e você vem dizer graças a DEUS!”

Foi um marco na juventude de INRI que ele nos conta até hoje para exemplificar a condição de ateu que vivenciou até o jejum em Santiago do Chile.

Posteriormente INRI negociou a Hudson com um farmacêutico muito conhecido na cidade, Waldemar Felski. Passou um longo tempo sem nenhum veículo até começar a vida pública.

O GORDINI

Em 1969, quando finalmente deu início à vida pública falando nas rádios, passou a ser regiamente remunerado. Deslocava-se de uma cidade a outra de táxi, pois já havia se cansado dos problemas enfrentados com automóveis.



Imagem ilustrativa. Veículo com as mesmas características e ano de fabricação

Em Lages – SC, onde se apresentava cotidianamente na Rádio Diário da Manhã, surgiu-lhe uma nova oportunidade de comprar um carro nacional, que tinha peças em qualquer lugar. Foi então que comprou o Gordini. Só depois ficou sabendo que o padrego que lhe vendeu rodou muito e o motor já estava fraco. Mesmo assim INRI usava o máximo da potência que o Gordini podia oferecer.

Viajava de Santa Catarina a Curitiba, e às vezes dava caro-

na a um amigo, Josebel Ribeiro Reis, que lhe chamava de “Corisco do Asfalto”. INRI fazia o veículo passar de 100 km/h.

Na terceira viagem de Lages a Curitiba, o motor do Gordini fundiu próximo a Santa Cecília. INRI ficou alguns dias acompanhando o trabalho de retífica. INRI não sabia que um motor retificado carece ser amaciado antes, ao invés de buscar obter dele toda potência rapidamente. Ignorando essa necessidade, acelerou como se o motor já estivesse amaciado. Em menos de cinquenta quilômetros o motor fundiu novamente.

Indignado, INRI fez um leilão ali no asfalto; quem desse mais levaria o Gordini. Um caminhoneiro o arrebatou, colocou em cima do caminhão e levou embora. INRI prometeu a si mesmo que não teria outro carro tão cedo. Ficou mais um tempo sem automóvel. Começou a andar de avião. Como seu trabalho na Rádio Rural de Concórdia havia terminado, resolveu passar o feriado de carnaval de 1970 em Curitiba. Viajou de Concórdia – SC a Curitiba – PR num avião comercial da “Sadia”, que posteriormente tornou-se “Trans Brasil”.

O PRIMEIRO FUSCA

Ao retornar com o trabalho nas rádios na condição de consultor metafísico, deslocava-se de uma cidade a outra usando táxi. Sua nova secretária, uma japonesa, Mutsumi Ogura, calculista nos assuntos que envolviam dinheiro, achava um absurdo pagar altas quantias por uma viagem de táxi. Ela dizia que o certo era comprar um carro, mas INRI estava decepcionado com as experiências vividas. Ela recomendava um carro mais novo, assim economizariam.



Imagem ilustrativa. Veículo com as mesmas características e ano de fabricação

Finalmente, quando estavam na Rádio Difusora em Guaparuava, no interior do Paraná, INRI tomou a decisão. Voltando a Curitiba em abril de 1970, comprou o primeiro carro que nunca o

deixou na estrada. Era um Fusca bordô, ano 1967, tala larga.

Este carro oferecia muita estabilidade. INRI rodou com o Fusca bordô alguns meses. Quando foi fazer a revisão na “Voupar”, em Curitiba, o gerente de vendas o olhou com cara de “bom cliente”. Conversa vai, conversa vem, disse que o Fusca passaria por um ajuste de motor. Sugeriu-lhe pegar um novo veículo, desta feita era um Fusca verde folha ano 70, zero quilômetro.

O SEGUNDO FUSCA

O gerente facilitou as prestações e assim efetivou a venda. INRI pela primeira vez desfrutou de um veículo com “cheiro de novo”. Sensação única! Às 17:30h da tarde do dia 02 de junho de 1970 a parte burocrática estava concluída.



Imagem ilustrativa. Veículo com as mesmas características e ano de fabricação

No dia seguinte, INRI tinha um compromisso de estreia às 9:00 da manhã na Rádio Colmeia, de Toledo, interior do Paraná. Disse ao vendedor que precisava ir. O vendedor, sabendo da iminente viagem, ofereceu-lhe um seguro alegando que viajar à noite poderia ser perigoso e com o seguro seria muito melhor. INRI disse que já era tarde, todavia o vendedor insistiu que daria tempo.

Imediatamente ligou para a Companhia Sul América de Seguros e fez o seguro via telefone. INRI saiu feliz com o Fusca verde folha.

Chegando a Guarapuava, o Fusca começou a atingir os 120km/h. Até comentou com a secretária que o veículo estava correndo bem. Assustada com a velocidade atingida, ela alertava que este veículo não era como o outro, pois sacolejava muito nas curvas. Detalhe: INRI estava acostumado com o Fusca “tala larga”, todavia esse não tinha tala larga... Ao chegar na “Curva do Cavernoso”, entre Guarapuava e Laranjeiras do Sul, enquanto a secretária gritava histericamente, o Fusca rodou e capotou várias vezes. Na terceira capotagem, ao mesmo tempo que Mutsumi Ogura foi arremessada para fora do carro e sobreviveu incólume, a Divina Providência fez com que INRI ocupasse o espaço onde ela estava... abaixou-se inconscientemente rente ao banco do lado quando o Fusca deu a última capotada. Se a secretária não tivesse caído fora, seria uma tragédia. O veículo ficou achatado e andava de lado, como um “siri”. Tiveram que macaqueá-lo para levantar o teto a fim de INRI levá-lo até a “Voupar”, onde havia sido comprado.

Devido às lastimáveis condições do veículo, Cardoso, chefe da Polícia Rodoviária de Laranjeiras do Sul, deu uma autorização especial para INRI ir até Curitiba. Ao chegar na “Voupar”, INRI expôs o “siri”. O gerente, assustado, ao ligar para a seguradora, descobriu que o seguro só estaria valendo a partir do dia 8 de junho. Nesse momento, INRI alegou furioso que só fez o seguro porque haviam lhe garantido que assim poderia fazer uma viagem segura. Sentou-se à mesa do gerente até que este lhe trouxesse a solução. Após um longo período de espera, veio uma ordem do Rio de Janeiro declarando que, por INRI atuar na mídia, iriam estudar o caso com carinho e viria uma carta autorizando-o escolher um carro novo.

Quinze dias depois, INRI recebeu a carta da seguradora.

O CORCEL AZUL

Comprou de Mário Kenji um Corcel azul diplomata 1970. A carta da seguradora veio no valor de Cr\$ 12 milhões da época e o Corcel custava Cr\$ 18 milhões. INRI pagou o restante em seis parcelas no Banco Francês e Italiano de Curitiba.



Imagem ilustrativa. Veículo com as mesmas características e ano de fabricação

A bordo de um Corcel como este, INRI percorreu 300 mil quilômetros. Viajou muitas vezes de Curitiba a Campo Grande, cuja distância era mais de mil quilômetros. Também viajou inúmeras vezes ao Rio de Janeiro. Enfim, aproveitou este Corcel intensamente.

O KARMANN GHIA TC

Em 1972, INRI adquiriu um Karmann Ghia TC amarelo manga, zero quilômetro, na concessionária Copava, em Curitiba. INRI ficou pouco tempo com ele. A bordo deste veículo INRI vivenciou um dos momentos chocantes em que ouviu, de forma veemente, a voz poderosa que o comanda desde a infância. Estava viajando em direção a Lajes – SC, e no trajeto acabou pegando no sono... De repente, foi acordado com aquela voz imperativa dizendo: “Entre a água e o poste!” Ele só teve tempo de desviar o veículo do poste e jogá-lo em direção à água, evitando assim um choque que poderia lhe custar a vida.



Imagem ilustrativa. Veículo com as mesmas características e ano de fabricação

Pouco tempo depois, substituíu esse Karmann Guia por um Corcel branco nevasca 1972, zero quilômetro.

O CORCEL BRANCO

Certo dia, em Curitiba, a bordo deste veículo, estava fazendo um favor para um primo, Leonardo. Ambos transitavam pelo bairro Tarumã, próximo ao Detran, esquina com a BR116. Após abrir o sinal, Leonardo disse assim:

“Essa mulher vai te incomodar, rapaz!”



Imagem ilustrativa. Veículo com as mesmas características e ano de fabricação

Bem na esquina, uma mulher levantando os braços vinha em direção ao veículo... INRI freou imediatamente, porém a mulher se jogou no carro, quebrando o vidro e amassando a coluna do lado esquerdo do Corcel. Começaram a se aproximar os curiosos acusando-o de ser o culpado pelo incidente. Chegou um indivíduo dizendo que isso era coisa de “filhinho de papai”, ao que INRI respondeu à altura.

INRI explicou ao policial que a mulher havia se suicidado. Recolheram-na e levaram-na ao “Pronto Socorro Cajuru”. INRI viu-a com a cabeça esfacelada, todavia o coração ainda batia. O po-

licial rodoviário federal tirou o veículo de cena e disse a INRI que teria que levá-lo para fazer exame alcoólico. Foram com a viatura policial para realizar o exame. Lá chegando, o encarregado do teste alcoólico estava muito bêbado, cheirando à cachaça. Então INRI disse ao policial que olhasse a condição de quem faria o exame... Com ajuda do policial, fizeram o teste alcoólico, o qual não acusou uso de álcool por parte de INRI.

Na sequência, dirigiram-se até o hospital Cajuru, pois INRI teria que acompanhar o desenrolar da situação da mulher. A atendente disse que INRI precisava assinar um termo de responsabilidade. Alegou que a mulher ainda estava viva, porém atestava morte cerebral. INRI disse que não iria assinar. Ela insistiu, disse que, se INRI era o motorista, tinha que assinar. Ele respondeu que era o motorista, todavia não assinaria; explicou que a mulher havia se jogado, ele freiou, mas não deu tempo. Ela chamou o diretor do hospital. Era um homem obeso e arrogante... disse categoricamente que INRI teria que assinar. Olhou para o guarda fazendo menção para que obrigasse INRI a assinar. O guarda permanecia só na observação enquanto INRI batia o pé dizendo que não iria assinar. Até que, por fim, o diretor perguntou novamente, em tom intimidador: “O Senhor não vai assinar?” INRI respondeu que não. O diretor respondeu: “Então não tem importância, não precisa assinar”. Ele sabia que a mulher estava morta. Se INRI fosse um desinformado, teria assinado e a mulher permaneceria por uns dias na máquina só para que houvesse um pagamento ao hospital.

A polícia recolheu o carro e a carteira de INRI foi apreendida. O policial havia dito que a carteira só seria apreendida por ser um procedimento legal, mas na semana seguinte INRI poderia buscá-la. Na semana seguinte INRI foi até o Dr. Gilmar José Turim, advogado. Explicou tudo ao Dr. Gilmar. Este lhe disse que fosse pegar a carteira e, caso não a entregassem, ele iria pessoalmente. INRI chegou no Detran, relatou sobre o acidente ocorrido e explicou que queria sua carteira de volta. Devolveram-lhe a carteira e INRI foi embora.

O Corcel branco foi para oficina, mas após o conserto, ouvia-se um barulho de vidro. Algum caco havia ficado entre as ferragens, por isso resolveu vender. Em dezembro de 1972 trocou-o por outro Corcel moderno, azul colonial. Logo viajou para o Rio de Janeiro.

O CORCEL AZUL



Imagem ilustrativa. Veículo com as mesmas características e ano de fabricação

Em 1973, INRI trocou esse veículo por um imóvel situado na Rua Brasil para Cristo, em Curitiba. Logo depois, ainda no final do ano de 1973, comprou um Dodge Dart branco ano 1973, capota preta, que tinha apenas cinco quilômetros rodados. O antigo proprietário morreu no interior do veículo, por este motivo a viúva não tinha coragem de andar com o carro.

O DODGE DART DOIS ACIDENTES NUM SÓ DIA



Imagem ilustrativa. Veículo com as mesmas características e ano de fabricação

Em 1974, circulando com o Dodge Dart, INRI sofreu dois acidentes trágicos em um só dia. Hospedado no Hotel Map, em Lages - SC, na condição de consultor metafísico, INRI recebia as pessoas que vinham buscar a solução de seus problemas. INRI tinha um convênio com o hotel, era um hóspede mensalista; por conta de sua atividade pública na Rádio Princesa de Lages, ele divulgava o hotel e tinha um considerável desconto nas despesas.



Hotel Map, em Lages – SC

Aos finais de semana ia até Curitiba, onde passava dois ou três dias, e voltava para o Hotel Map. Reassumia o trabalho na rádio, onde tinha um programa diário das 8:00 às 9:00 da manhã, e as audiências no hotel com seus consultentes. Deixava alguns programas gravados para serem passados durante sua ausência. INRI geralmente ficava de 15 dias a 1 mês em cada cidade do interior, porém em Lages ficava dois, três meses, uma vez que era a cidade mais populosa de Santa Catarina, situada no planalto catarinense.

Numa dessas idas e vindas, estava em Curitiba quando surgiu uma situação emergencial que o obrigou a retornar para Lages antes do programado; chegou a dizer para o secretário Marcelo Sowinski que não queria viajar naquele dia, só estava indo porque era necessário. Tentou adiar a viagem, mas os compromissos o obrigaram a seguir adiante.

Seguindo pela BR 116, ao subir a serra de Santa Cecília a bordo do Dodge Dart, INRI resolveu parar numa espécie de acastamento grande com uma fonte de água que havia no topo da serra, à esquerda, e que deve existir até hoje. Muitos caminhoneiros pa-

ravam lá pra descansar, refrescar o motor do veículo, pois era uma subida íngreme, outros para reabastecer o radiador de água, como foi o caso de INRI. Ele disse ao assessor Marcelo:

- Vou verificar se não está faltando água no radiador.

Marcelo ainda lhe advertiu:

- Cuidado que pode estar fervendo e explodir.

INRI abriu o radiador cautelosamente, por precaução manteve o rosto distante, deu a primeira volta na tampa e nada aconteceu. Como não escutou nenhum barulho, concluiu que não haveria problema em continuar a operação... num descuido aproximou-se do orifício e ao remover a tampa de vez, veio um jato de vapor de água fervente direto em seu rosto. A dor era tão grande que ele se jogou agonizante, contorcendo-se no chão. Logo um caminhoneiro se aproximou com pasta de dente dizendo que aquilo poderia aliviar. INRI encheu o rosto de creme dental e sentiu um alívio temporário, mas não adiantou... só fez piorar a situação. O Dodge Dart tinha ar-condicionado, então como último recurso Marcelo Sowinski partiu com INRI em busca de um hospital. A refrigeração no interior do veículo aliviou um pouco o ardor.

Estavam a poucos quilômetros de Santa Cecília. Na época só havia um hospital na cidade. INRI chegou às pressas ignorando protocolo... foi logo em busca de socorro. Só havia um médico, que estava fazendo exame ginecológico numa paciente. A dor era tão lancinante que INRI teve que removê-la bruscamente do local para ser logo atendido, considerando a gravidade da situação. Primeiro o médico removeu todo o creme dental de seu rosto, depois passou soro e só então aliviou a dor... Aí ele disse:

- Já que você tem ar-condicionado no veículo, pode seguir viagem, mas chegando em Lages terá que procurar novamente um médico porque quando entrar em contato com o ar não refrigerado vai voltar a arder muito.

Atento às orientações do médico, INRI seguiu viagem

rumo a Lages. Ar-condicionado ligado, tudo tranquilo. Quando chegaram ao Hotel Map, enquanto Marcelo Sowinski estacionava o veículo, INRI pegou a chave e subiu em direção à suite onde estava hospedado. Em condições normais o Marcelo teria subido junto, mas como INRI estava sozinho, entrou e travou a porta; Marcelo ficava no apartamento ao lado. Apesar de ser o hotel mais conhecido da cidade, nele não havia ar-condicionado. Quando INRI chegou na suíte, só lhe restou ligar o ventilador, situado na sala. Ao ventilar o rosto, passou a arder ainda mais do que antes. Olhou em direção à sacada, estava um clima nublado, e pensou:

- Lá fora pelo menos tem uma brisa pra me refrescar. Vou ficar na sacada até o Marcelo chegar.

Foi até a sacada e percebeu que havia garoa no piso, de cerâmica na cor vermelha. Porém, mesmo na sacada em contato com o ar exterior o rosto continuava ardendo, era sufocante... A porta que dava pra sacada era de vidro. Ao voltar da sacada em direção à sala, quando ia pegar no trinco para abrir, escorregou, e ao invés de segurar o trinco, sua mão atravessou a vidraça e amparou todo o peso do seu corpo no pulso direito, ocasionando um corte profundo cuja cicatriz é visível até hoje. O sangue começou a jorrar... INRI imediatamente tirou o braço dali, foi em direção ao sofá para se sentar e, intuitivamente, com a mão esquerda segurou logo abaixo do pulso para estancar a vasão de sangue, que mesmo assim continuava saindo. Era um quadro sinistro; os tendões, rompidos, estavam expostos, e, junto com o sangue, as forças de INRI também se esvaíam...

Mas ele não deixou o desespero tomar conta; o instinto de sobrevivência falou mais alto. Naquele momento crucial, INRI lembrou que precisava pedir socorro... Olhou na direção do telefone (naquele tempo não existia discagem; as ligações eram feitas só através da telefonista) sabendo que teria de soltar a mão esquerda pra tirar o telefone do gancho e se comunicar, pois a mão direita estava completamente inutilizável... Mirou bem, concentrou-se e reuniu todas as suas forças pra se levantar... Só deu tempo de tirar

o telefone do gancho e não conseguiu mais ficar em pé; caiu no chão... Imediatamente voltou a segurar o pulso cortado e ali mesmo disse:

“Socorro! Socorro!”

Permaneceu imóvel aguardando, porém começou a raciocinar... Estando no último andar do hotel, se não destravasse a porta, teriam que ir atrás da camareira com a chave mestra, o que levaria ainda mais tempo para que alguém o socorresse... De novo concentrou-se, mirou bem a trava da porta, reuniu o que lhe restava de forças, ergueu-se e foi... Com a mão esquerda destravou a porta, rapidamente voltou a segurar o pulso direito e caiu... Dali ele começou a ouvir o tropel no corredor, pessoas vindo em sua direção. Marcelo chegou às pressas, estava acompanhado do porteiro e de alguns funcionários do hotel, abriu a porta e deparou-se com INRI estendido no chão, todo ensanguentado... Ele logo quis arrastá-lo para o corredor e levá-lo a um pronto socorro. Uma voz murmurou:

“Mas vai sujar todo o tapete de sangue...”, ao que ele respondeu em tom resolutivo:

“Isso não é hora de pensar nessas coisas, vamos levá-lo depressa!”

Colocou INRI no elevador, levou-o direto pro carro e dali para o hospital... INRI nos conta que Marcelo era um indivíduo pacato, mas nunca o vira tão forte, tão autoritário como naquele dia... Chegando no hospital, imediatamente providenciaram transfusão de sangue; colocavam sangue por um braço e saía sangue pelo outro braço... Enfim reuniu-se o médico, Dr. Carlos Matioli, e a equipe; estavam já todos de máscara prontos para iniciar o procedimento cirúrgico.

Antes, porém, INRI resgatou da memória uma lembrança em que perguntou a outro secretário, José Alves Junior, por que ele tinha limitação no movimento de um dedo, e o secretário lhe disse que era por conta de uma falha ao reatar um tendão rompido

num acidente... Recordando esse episódio, INRI fez um pedido ao médico:

- Doutor, quero ver seu rosto, se possível tire a máscara, só um instante.

Atendido, olhou fixo nos olhos do médico e prosseguiu em tom enfático:

- Doutor, eu preciso muito desta mão, muito, doutor! Faça todo o possível pra juntar os meus tendões, eu preciso desta mão funcionando, doutor! Tu me prometes que vais fazê-la funcionar novamente?

INRI falou com tanta firmeza, com tanta veemência, até que o médico lhe respondeu:

- Pode deixar, eu vou fazer de tudo pra restaurar a tua mão.

Nesse momento, ao sentir segurança na promessa do cirurgião, INRI desfaleceu. Quando acordou, Marcelo Sowinski estava ao seu lado no quarto do hospital, logo vieram o diretor e o locutor da Rádio Princesa ver como ele estava. Desse episódio nasceu uma sublime amizade de INRI pelo Dr. Carlos Matioli; todas as vezes que INRI retornava a Lages ia visitá-lo em consideração ao trabalho sério, minucioso e bem-sucedido que realizou.

Essa foi uma das profundas marcas que o destino lhe cravou, solidificando a consciência mística de que INRI não pode partir da Terra enquanto não tiver cumprido sua missão.

Em 1976, outro acontecimento curioso ocorreu no tempo que INRI estava com esse Dodge Dart. Certa ocasião, no restaurante La Fiorentina, no Rio de Janeiro, INRI estava acompanhado do secretário Luiz Fernando Tedeski, quando disse de súbito:

“Nunca mais vou comer carne”.

Foi então que se tornou vegetariano, hábito extremamente incomum para a época, em que era muitíssimo raro encontrar vegetarianos. INRI se desfez do Dodge Dart no final de 1976; era

também uma forma de se desvencilhar do passado a fim de iniciar uma nova fase em sua vida.

O PRIMEIRO LANDAU

No início de 1977 adquiriu o primeiro veículo Landau, ano 1974, na cor branca. Teve que vendê-lo devido a uma emergência.

O MAVERICK

Mais adiante, ainda em 1977, hospedado no Hotel Erixim, no Rio Grande do Sul, mandou vir de Curitiba, da agência do amigo Sidalgo, um Maverick branco ano 74. O secretário Luiz Fernando Tedeschi trouxe-o até o local onde INRI estava.

INRI conta-nos que, nesse tempo, muitas vezes falava na Rádio Caxias, de Caxias do Sul; cada vez que saía da rádio, via estacionado um Charge RT cor marrom, e foi avisado pela voz que o comanda de que mais adiante iria adquirir um veículo daquele. Efetivamente, foi o veículo que INRI usou após o Maverick.

Em Santo Ângelo - RS, INRI vivenciou uma experiência marcante que culminou na completa e definitiva abstinência do cigarro. Mesmo após tornar-se vegetariano, como a maioria dos jovens, INRI fumava. Nos arquivos da SOUST há uma foto desse tempo, registrada pelo jornal *O Estado do Paraná*, que ele usa na hora de ensinar os jovens a se desvencilhar do vício.

Após um debate na Rádio Sepé-Tiaraju, o apresentador, advogado Carlos Pinto Yung, acercou-se de INRI e disse:

“Como pode uma pessoa como o Senhor, um profeta, vegetariano, fumar!”

INRI nos conta que aquela frase ficou ecoando em sua cabeça, e por conta disso foi amadurecendo a ideia de parar de fumar... Quando enfim decidiu abandonar o cigarro, a bordo do Maverick foi até o hotel campestre, espécie de retiro chamado Paraíso dos Pôneis, em Blumenau – SC, e lá, a partir do terceiro dia, definitivamente desvencilhou-se do tabaco.



Imagem ilustrativa. Veículo com as mesmas características e ano de fabricação

INRI sentiu uma enorme diferença na percepção sensorial, o olfato ficou mais aguçado, o paladar mais refinado... voltou a sentir o verdadeiro gosto da comida, além de um prazer sutil, porém muito maior e gratificante do que as efêmeras sensações oriundas do vício: era o prazer de sobrepujar o vício através da conscientização. Ao invés de ser escravo do vício, eliminar o vício.

Justo por haver fumado, INRI sabe na prática o que se passa na cabeça de um fumante quando decide deixar de fumar, as tentações que levam muitos à recaída e a enorme força de vontade para rebater as insistentes investidas do maligno até chegar à conscientização plena, definitiva e irreversível... E assim, após essa experiência, várias pessoas cruzaram o seu caminho e INRI pôde ajudar a livrá-las do tabaco não por uma ou duas semanas, mas pelo resto da vida...

O CHARGE RT

No final de 1977, viajou até Curitiba com o Maverik branco e foi direto falar com Sidalgo, o amigo que sempre lhe vendia carros. Na loja deparou-se com um Charge RT branquinho, ano 1974, equipado com ar condicionado. Fez a troca imediatamente. INRI relata que o carro parecia uma nave, quase saía do chão... Flutuava sobre o asfalto, havendo atingido até 170 km/h em autoestrada.



Imagem ilustrativa. Veículo com as mesmas características e ano de fabricação

A bordo desse veículo, INRI sofreu um dos acidentes de automóvel mais enigmáticos de toda sua vida... Estava ao volante a secretária Marcia Barreto e INRI no banco de passageiros

dianteiro. Viajavam de Blumenau a Chapecó em alta velocidade. Ao passar Rio do Sul, de repente, no meio da conversa, a secretária olhou em direção a INRI e disse numa expressão de espanto: “Iuri!” (nome que INRI usava até o jejum, antes de saber que a segunda letra de seu nome estava invertida - vide *O Enigma do Novo Nome* no site www.inricristo.org.br). Quando ela olhou de novo pra frente, o veículo já havia se desgovernado. Só por milagre sobreviveram. Até a polícia ficou perplexa ao proceder à perícia no local, pois tudo indicava que o veículo colidiria numa pedreira, todavia plácida e inexplicavelmente desceu um enorme precipício de uns 40 metros e pousou no chão, sem capotar. Até hoje permanece um mistério como aquilo aconteceu.

O veículo foi levado de guincho a Blumenau para os reparos necessários. A parte inferior estava quase completamente danificada.

O LANDAU COM CHOFER

Nessa época, início de 1978, o amigo e conselheiro Althair Corrêa de Oliveira, um visionário, executivo de hotéis, maçom, que participou inclusive da fundação da SOUST em 1982, disse que estava na hora de INRI não andar mais no banco da frente, ao lado do motorista, e sim no banco de trás. Foi então que INRI trocou o Charge RT pelo segundo Landau branco ano 74, impecavelmente branco. O amigo Althair treinou o chofer, explicando como deveria proceder.



Imagem ilustrativa. Veículo com as mesmas características e ano de fabricação

Em 29 de agosto de 1978, INRI saiu do Brasil em direção à Bolívia. Estava na véspera do jejum em Santiago do Chile, onde teve a revelação de sua identidade em setembro de 1979. Como ele havia recebido ordem de seu PAI de sair do Brasil sem deixar

nada para trás, desfez-se de todos os pertences; doou o Landau para o secretário José Alves Junior, por quem nutria grande estima. No dia da partida em Campo Grande, pediu que o secretário estacionasse o Landau em frente à estação onde o trem iria passar. Assim poderia olhar o veículo uma última vez... como é difícil se desvencilhar das amarras...

LA CARAVANE

Concluído o jejum em Santiago do Chile, despojado dos bens terrenos, INRI continuou sua peregrinação pela América Latina e Europa. Quando INRI esteve na França em 1980, alguns filhos franceses que o reconheceram cederam um trailer para lhe servir de alojamento.



À esquerda, a caravana improvisada pelos franceses

Em virtude do rigoroso inverno francês, improvisaram um sistema de aquecimento a gás, assim INRI poderia repousar mais confortavelmente. No trailer, que na França se chama “caravane”, aconteceu um episódio espantoso. INRI nos conta até hoje para exemplificar de que forma a poderosa voz do ALTÍSSIMO se manifesta no interior de sua cabeça. Houve uma noite em que INRI

estava dormindo, quando de repente escutou:

“Fogo na caravana!”

Ainda sonolento, INRI observou ao redor e não viu nada alarmante, voltou a dormir. Então escutou novamente, dessa vez mais forte:

“Fogo na caravana!”

Desta feita, INRI pegou uma lanterninha que ficava na cabeceira à sua disposição. Ao averiguar mais detalhadamente, descobriu que o cobertor situado acima da coberta que o protegia do frio havia caído no chão, sobre o assoalho de metal. Embaixo do assoalho estava o aquecimento a gás improvisado, e o cobertor já havia queimado aproximadamente um palmo. A caravana era feita em material inflamável. Se INRI tivesse ignorado a imperativa voz do SENHOR, fatalmente teria sofrido um acidente trágico.

Após permanecer nove meses na França, INRI voltou ao Brasil em março de 1981 e percorreu todas as capitais e principais cidades brasileiras até fundar a SOUST.



Quando estive em Belém do Pará pela primeira vez, em maio de 1981, conheceu Abeerê (Guiomar Lopes de Sousa), sua primeira discípula, que posteriormente foi testemunha ocular da Divina Revolução no histórico 28/02/1982 e está na SOUST até hoje, aos 86 anos.

A DIVINA REVOLUÇÃO EM BELÉM E O CAMINHÃO TOMARA-QUE-CHOVA

Por ocasião do Ato Libertário perpetrado no histórico 28/02/1982, que culminou com a instituição do Reino de DEUS na Terra, oficializado pela SOUST, INRI nos conta que naquele dia viveu o momento mais sublime de sua vida, pois estava uma vez mais se expondo à humanidade para mostrar que está vivo, de carne e osso, e não é um boneco eternamente pregado na cruz. INRI voltou com a missão de conduzir os seres humanos no caminho da liberdade consciencial, ou seja, ensinar-lhes a buscar DEUS e a compreensão das leis de DEUS independente de religiões, dogmas, credences ou superstições. INRI não mandou ninguém frequentar templos ou igrejas; continua coerente com o que disse há dois mil anos e suas palavras valem para sempre: *“Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, ora ao teu Pai Celeste em segredo. Em segredo Ele vê o que se passa e te abençoa”* (Mateus c.6 v.6). O que passa disso é invencionice, instrumento de chantagem dos homens para manipular e dominar os homens.

Antes de adentrar a catedral de Belém, o SENHOR o avisara que haveria um caminhão à sua disposição e que INRI deveria usá-lo para desfilhar junto ao seu povo.

Quando INRI foi conduzido pelos policiais para fora da catedral, o SENHOR disse:

“... Por causa da iniquidade que reina em todas as igrejas, nelas não há lugar para Mim nem para ti. Por isso te ordeno: institui na Terra o meu Reino, anuncia ao mundo que esta ordem veio de mim. Eu sou o DEUS de Abraão, de Isaac e de Jacob, único SENHOR do céu e da terra”.

E nesse exato momento revelou-lhe o nome da Nova Ordem Mística: SOUST – Suprema Ordem Universal da Santíssima Trindade, que se constitui na oficialização do Reino de DEUS sobre a terra, no cumprimento da promessa de dois mil anos atrás: *“Venha a nós o vosso reino...”* (Mateus c.6 v.10).



Logo em seguida, ao avistar o caminhão “tomara-que-chova”, INRI viu se cumprir a promessa do SENHOR. Coroando aquele momento de glória divina, INRI subiu no caminhão e determinou que os policiais andassem a 10 km/h, a fim de que pudesse abençoar o povo. A princípio eles relutaram em obedecer, mas INRI, dizendo ser ordem do PAI, se impôs, exercendo a autoridade de quem sabe o que faz e por que faz. O mesmo povo que testemunhou o Ato Libertário veio emocionado em sua direção.



Neste caminhão, INRI foi conduzido à Central de Polícia e dali ao Presídio São José, onde permaneceu durante 15 dias, foi submetido a análise de uma junta psiquiátrica e saiu sem depender de advogados (vide história completa do *Ato Libertário* no site www.inricristo.org.br).

Após esse evento, INRI ficou hospedado na casa de Severino Ivo da Silva. Certo dia, Severino insistiu que INRI fosse ver onde seria a sucursal da SOUST em Belém e alugou uma Kombi para realizar o deslocamento. INRI foi acompanhado das discípulas Abeverê e Apillar. Era uma Kombi marrom. INRI havia sido avisado pelo seu PAI, SENHOR e DEUS que teria uma Kombi, e então foi providencial que INRI entrasse naquela Kombi para ver os bancos virados, principal motivo daquele passeio.

A PRIMEIRA KOMBI DA SOUST

Posteriormente, quando, em 1982, no Rio de Janeiro, foi adquirida a primeira Kombi da SOUST, ano 1979, placa VR-4588, INRI mandou virar os bancos transformando o espaço interno em uma mini sala, onde concedeu várias entrevistas. Jornalistas chegaram a escrever que INRI CRISTO andava entronado na Kombi.



Só o motor desta Kombi passou por cinco reformas (isso sem mencionar as reformas de lataria e demais reformas de mecânica), dada a impossibilidade de adquirir outro veículo por motivos pecuniários. Ao longo dos 13 anos que esta Kombi esteve a serviço da SOUST, também serviu como casa. Em plena Copacabana no Rio de Janeiro, as discípulas Abeverê e Apillar traziam água, fechavam as cortinas e INRI tomava banho no interior da Kombi, quando, por motivo de hostilidade (a reprovação prevista em Lucas c.17 v.25-35), não havia outro local apropriado para esse fim.

O ANDOR

Em 1993, obediente à ordem de seu PAI, SENHOR e DEUS, INRI designou um benemérito, o marceneiro Fernando Jung, a construir um andor, que usaria para desfilar nas ruas de Curitiba, fazendo frente ao rigoroso boicote imposto pela desinformação organizada orquestrada pela mídia desde o memorável 28/02/1982.



*Desfile de INRI CRISTO na Rua das Flores,
centro de Curitiba - PR, 1993*

Enquanto nas procissões e cortejos “religiosos” são carregados ao ombro imagens e ícones construídos por perecíveis mãos humanas, INRI, de carne e osso, era carregado vivo pelo seu povo, os destemidos “pobres de espírito”.

No tempo da reprovação prevista em Lucas c.17 v.25 a 35 (*“Mas primeiro é necessário que ele sofra muito e seja rejeitado por esta geração. Assim como foi nos tempos de Noé, assim será também quando vier o Filho do Homem. Comiam, bebiam, tomavam mulheres e davam-se em núpcias, até o dia em que Noé entrou na arca e veio o dilúvio que exterminou a todos. Assim será no dia em que o Filho do Homem se manifestar...”*), INRI CRISTO desbravou o terreno da incredulidade no século dos corações duros, impondo sua presença e sua mensagem confundidas com a loucura.



Diferente dos reis terrenos, que assumem um mandato por direito hereditário, INRI manifesta a realeza divina em sua legitimidade, autoridade, convicção e inabalável consciência mística. Como disse certa vez o discípulo francês Jean de Patmos, consultor científico da SOUST durante 12 anos:

“Tudo o que num homem seria ridículo, em INRI CRISTO é sublime”.

A SEGUNDA KOMBI

Ao perceber a inviabilidade de se proceder a constantes reformas na Kombi 1979 e a necessidade de realizar diversas viagens a título de missão, em 1994 uma benemérita adquiriu uma Kombi zero km no consórcio Servopa em Curitiba – PR e doou para a SOUST. Só depois disso, em 1995, foi vendida a primeira Kombi.



AMB - 180 D

No ano de 1996, com os recursos provenientes da transferência do Retiro Eclesiástico da SOUST em Antonina (litoral paranaense), adicionados à ajuda de membros beneméritos, a SOUST adquiriu um veículo MB 180-D da concessionária Savana, também em Curitiba – PR.



A bordo deste veículo INRI CRISTO percorreu todo o Norte e Nordeste do Brasil falando aos meios de comunicação, sempre acompanhado de seus discípulos.

Em Vitória - ES, um cidadão sugeriu que INRI CRISTO andasse pelo Brasil num motor-home, que é uma casa sobre rodas, com sala, cozinha, sanitários, alojamentos... E indicou um local especializado a fim de viabilizar este intento, a empresa Trailemar, em Curitiba. A assessoria de INRI CRISTO entrou em contato

com o dono da Trailemar, Mario Ziani, que orientou sobre todo o procedimento para a aquisição de um veículo no qual projetaria a casa sobre rodas.



Fachada da sede provisória da SOUST em Curitiba - PR

O MOTOR-HOME MERCEDES BENZ

No segundo semestre do ano de 1997, a SOUST negociou a Kombi 1994 na Savana Veículos, em Curitiba, em troca da carroceria do ônibus onde seria feito o motor-home. Mario Ziani propôs-se a ajudar pessoalmente na escolha do veículo, pois já tinha muitos anos de experiência.

O modelo escolhido (dentro do que era viável à SOUST) foi um ônibus urbano, Mercedes-Benz 1113, placa AFA-3298, com 11 metros de comprimento. De posse da carroceria, vários beneméritos se mobilizaram para ajudar na confecção da parte interna do motor-home.



Mario Ziani, diretor da Trailemar, com INRI CRISTO e discípulos, observando o ônibus urbano ser transformado em motor-home



Motor-home Mercedes-Benz já concluído no centro de Curitiba

A MONTANHA E AS TOYOTAS

Em 1997, o benemérito Manoel Alves da Silva, Tenente da Polícia Militar aposentado, resolveu doar à SOUST um terreno situado no alto de uma montanha, em Paranaguá – PR, que INRI carinhosamente chamava de Alpes de Paranaguá. A primeira vez que INRI CRISTO visitou esse lugar foi a bordo da MB 180-D. Todavia, por se tratar de uma estrada em terreno íngreme e o motor da MB não tinha potência suficiente para enfrentar a subida, INRI desistiu do intento na metade do caminho.

Relatando o ocorrido à Ledir, esposa de Mario Ziani, ela disse-lhe assim:

“Por que o Senhor não vai até o final da montanha pra ver o que o seu PAI tem a lhe mostrar?”





Surpreendido com aquelas palavras, INRI percebeu que ela, inspirada, estava sendo usada para instigá-lo a descobrir o que havia naquele lugar. Até que um dia, acompanhado de seus discípulos, INRI subiu a montanha a pé e, lá no alto, vislumbrou naquela linda paisagem da Serra do Mar, em plena Mata Atlântica, no aconchego de exuberante natureza, o belo local que o PAI lhe reservara para viver e fazer-lhe transcendentais revelações.





INRI CRISTO subindo a montanha em companhia do Tenente Manoel Alves da Silva

Logo após visitar a montanha, INRI foi aconselhado da necessidade de adquirir um veículo de motor potente para suportar firme a subida. Passando pela Rua Marechal Floriano Peixoto, em Curitiba, em companhia dos discípulos, avistaram uma Toyota Bandeirante estilo furgão, ano 1990, cor bege, com um anúncio de venda direto com o proprietário e o telefone.

Imediatamente tomaram nota. Descobriram que o marido da então proprietária tinha morrido no interior do veículo, por isso a Toyota estava à venda por um preço conveniente. Após esse contato prévio, INRI tinha marcado compromisso em Brasília, onde iria se reencontrar com o amigo João Ribeiro Paz, que conhecera em 1980 quando esteve pela primeira vez na capital federal.



INRI CRISTO pela primeira vez visitando o local que viria a ser o Retiro da SOUST em Paranaguá

Seguindo viagem a bordo do motor-home Mercedes-Benz, passando pelo interior de São Paulo, INRI estava pensando sobre a Toyota quando recebeu ordem do SENHOR:

“Volta, que naquelas condições só tem aquela”.

Obediente à ordem do PAI, INRI retornou e, no final de 1997, negociou a Toyota em troca de um veículo doado por uma benemérita, sem pagar nem mais, nem menos.





Um ano depois, a SOUST adquiriu uma Toyotinha ano 1972, que inclusive se tornou notícia na mídia nacional em meados do ano 2003, quando provisoriamente instalou-se uma indústria de multas no trânsito de Curitiba.

Muitas vezes, quando chovia, a estrada de chão que conduzia ao retiro da SOUST tornava-se um lamaçal, e mesmo com ajuda de correntes nos veículos era difícil concluir a subida.

Assim foi até que, no ano 2004, o benemérito Luides Leopoldo chegou à presença de INRI CRISTO e perguntou:

“O que posso fazer pelo Senhor?”

Ao que INRI respondeu-lhe:

“Venha comigo até a montanha, lá terá a resposta”.

Ao contemplar as condições da estrada, o benemérito imediatamente compreendeu que poderia mandar arrumá-la, como deveras procedeu na sequência. Contratou uma empreiteira a fim de realizar as obras necessárias.

Assim INRI CRISTO pôde desfrutar da potência desses veículos nas muitas idas e vindas de Curitiba a Paranaguá até a

transferência da SOUST para Brasília, em maio de 2006, ocasião em que tanto a montanha como as duas Toyotas proveram os recursos para a aquisição do imóvel da atual sede da SOUST.



*INRI CRISTO e o benemérito Luides Leopoldo
após a conclusão da obra na estrada*



O SEGUNDO MOTOR-HOME

Desde a feitura do primeiro motor-home, o intento era construí-lo num ônibus de linha interestadual, mais indicado e apropriado para viagens longas, todavia na época a SOUST não encontrou um modelo a um preço acessível. No início do ano de 1999, dispondo do veículo MB 180-D para fazer negócio, a assessoria de INRI CRISTO procedeu a uma investigação em diversas lojas especializadas em venda de ônibus usados até que encontrou Ana Maia Veículos, em Curitiba. Lá havia um modelo de ônibus interestadual, ano 1982, que preenchia os requisitos necessários: modelo Scania, 13 metros de comprimento para a confecção de dois banheiros, maior espaço interno para dispor os alojamentos. Como se pode observar na foto, por se tratar de um ônibus de turismo, a placa LYL-6310 ainda era vermelha, caracterizando que pertencia a uma empresa de transporte coletivo. O ônibus foi avaliado em R\$20.000,00. Ana Maia Veículos aceitou o acordo de trocá-lo pela MB 180-D, ano 1996.



O dono da Trailemar, Mário Ziani, acompanhou no dia de examinar o ônibus e afirmou que, mediante uma reforma geral, seria perfeitamente viável confeccionar o motor-home. Concluído o negócio com Ana Maia Veículos, foram atendidos todos os requisitos legais na troca da MB 180-D pelo ônibus Scania. O Detran-PR vistoriou o veículo e liberou a documentação. Na época a SOUST não tinha recursos para levar adiante o projeto da confecção interna do motor-home Scania, então Mario Ziani disponibilizou um espaço no estacionamento da Trailemar para deixá-lo guardado até viabilizar o intento.



Motor-home antes da reforma

No ano 2002, a assessoria de INRI CRISTO solicitou um orçamento para a feitura do motor-home Scania. Dada a total inviabilidade de custear o valor estipulado, foi proposta a Mario Ziani a entrega do motor-home Mercedes-Benz pela feitura interna do motor-home Scania. Todas as despesas de mecânica, troca de pneus, parte elétrica, etc. foram concluídas com a ajuda de beneméritos dispostos a participar. Mario aceitou a proposta e dentro de quatro meses liberou o motor-home Scania, já construído internamente, para as reformas mecânicas, pois o veículo ano

1982 necessitou passar por diversas etapas de oficina antes de fazer qualquer viagem.



Motor-home da SOUST antes de ser caracterizado

Um benemérito doou os pneus e amortecedores, outros se juntaram para arcar com os custos imprescindíveis de mecânica no motor e na caixa de câmbio, outro custeou a troca dos sincronizadores da quarta e quinta marchas, outros ajudaram na compra dos dois alternadores e das baterias, outros ajudaram na troca de molas e confecção de novos eixos traseiros, que estavam a ponto de romper a qualquer momento, outro ajudou na aquisição de um novo tanque de combustível, desta feita de aço inoxidável, pois o antigo estava repleto de ferrugem, etc.

E assim, pouco a pouco, ao longo de três anos de oficina e reformas, foram concluídas todas as etapas que propiciaram o perfeito funcionamento deste motor-home, que para INRI CRISTO e discípulos(as) foi um veículo de trabalho necessário no cumprimento de sua missão pelas estradas do Brasil e da América do Sul.



Desde a fundação da SOUST em 1982, estava previsto no artigo 14 da Redação Primitiva dos estatutos que a sede definitiva se localizaria em Brasília – DF. Após 24 anos de permanência em Curitiba – PR, finalmente em maio de 2006 foi propiciada pelo ALTÍSSIMO a transferência da SOUST para a capital federal, e o motor-home foi utilíssimo nesse processo de mudança.

A SPRINTER

Concluída a regularização do motor-home junto ao Detran – DF, devido à necessidade de agilizar as viagens em virtude do aumento na demanda de compromissos, longos percursos e gasto de combustível, o mesmo foi negociado com um auditor da Receita Federal aposentado, e dos recursos provenientes foi adquirido um veículo Sprinter, através do qual INRI CRISTO e discípulos(as) atualmente se deslocam via terrestre, inclusive atendendo a convites de mídia.



*INRI CRISTO e discípulos(as) atendendo
a um convite da Faculdade de Jornalismo da UnB*

AJUMENTA

Um benemérito de origem paraguaia, Javier Fornells, obsequiou a INRI CRISTO uma patinete motorizada, à qual ele chama graciosamente de jumenta moderna, aludindo à que usou para desfilarem em Jerusalém.



*INRI CRISTO com a "jumenta"
no jardim da SOUST*

Afinal, se há dois mil anos ele andava em uma jumenta de carne e osso, agora que está em Brasília, a Nova Jerusalém do Apocalipse c.21, coerente com a evolução da tecnologia, é natural que se desloque a bordo de uma jumenta de aço.

VEÍCULOS DE DIVULGAÇÃO

Em 2011, quando INRI CRISTO participou do evento YouPix em São Paulo, o jornalista Rafinha Bastos manifestou a intenção de participar do próximo clipe de versões místicas e solicitou que o avisassem. Na época, as discípulas haviam recebido uma versão de um internauta que incluía cenas de um veículo aberto. Nessa ocasião, com a ajuda de beneméritos, a SOUST adquiriu o veículo Mercedes C-180, cuja principal finalidade era a gravação do vídeo INRI É A DIREÇÃO.



Mais recentemente, em 2013, INRI CRISTO recebeu do ALTÍSSIMO a ordem de realizar um desfile na Esplanada dos Ministérios em Brasília, a Nova Jerusalém do Apocalipse c.21, munido de um manifesto pró Democracia Plena, no qual expôs a necessidade de banir o voto obrigatório no Brasil a fim de usufruir

da verdadeira democracia no país. Beneméritos mobilizaram-se para a aquisição desta Kombi, especialmente adaptada para esse



fim.

Eis os dizeres do manifesto:

DEMOCRACIA PLENA

Na democracia genuína, o voto é facultativo

Assim falou **INRI CRISTO**:

“Na democracia genuína, plena, o poder emana do povo. Logo, se o povo está no poder, ninguém pode obrigá-lo a votar. O povo só irá votar porque escolheu um candidato à altura de suas expectativas, que o convenceu positivamente, que enunciou uma proposta plausível, que fez algo concreto para o bem de toda a nação.

Todavia, na pseudodemocracia, o ser humano é obrigado

a sair de casa e espremer-se dentro de um ônibus entupido de vítimas do sistema para votar mesmo sem escolher um candidato, só porque o voto é obrigatório. Isso não é democracia; é ditadura disfarçada! O maior terror dos políticos corruptos é a democracia plena – onde o voto é facultativo – pois o candidato sabe que se ele prometer e descumprir, será preterido no próximo pleito.

Na democracia plena não há necessidade de voto eletrônico, pois somente irão votar aqueles que querem e sabem por que estão indo. Nos países mais civilizados do mundo, como a França, por exemplo, o voto é facultativo, o cidadão somente vota porque deveras escolheu um candidato. Num país onde a democracia genuína fosse implantada e praticada, os candidatos não mais falaria aquelas “abobrinhas” na TV; eles apresentariam projetos viáveis através de uma oratória clara e sincera, entendida por toda a sociedade.

Imagine o cidadão sair de sua casa, do aconchego do lar, na maioria das vezes tendo que enfrentar uma fila, sendo coagido a votar... Na democracia plena o povo não é coagido a votar; vai votar porque quer, porque sente uma satisfação cívica em participar da escolha do governante, do legislador. Este, por sua vez, promoverá e manterá a organização política e administrativa do país. Isso sim é democracia genuína.

Na democracia plena, os governantes, os políticos é que são induzidos a serem probos, honestos, a expor e cumprir projetos viáveis, pois sabem que se assim não procederem, não serão reeleitos. Na democracia genuína, seria possível ver a honestidade estampada nos rostos dos candidatos, o empenho em apresentar propostas verdadeiras e coloca-las em prática durante o mandato de forma a beneficiar o povo. Convém ressaltar ainda que, na democracia plena, nenhum eleitor venderia voto e a coação de boca de urna se exauriria.

Por fim, obrigar o cidadão a votar e ainda afirmar que existe democracia no sistema governamental brasileiro é uma falácia!

Os seres eretos, livres pensadores, buscadores da verdade e da justiça, compartilham o pensamento de que não existe democracia com voto obrigatório. Em 1998 fui expulso do Congresso Nacional por falar essas coisas, mas estou aqui pela verdade, doa a quem doer.

Assim sendo, sou a favor de um **PLEBISCITO pela IMPLANTAÇÃO do VOTO FACULTATIVO JÁ**”.



INRI CRISTO – Filósofo, Educador, Regente da SOUST

INRI CRISTO é apolítico, continua dando a César o que é de César (Mateus c.22 v.21). Há quatro décadas exerce um mandato divino; jamais será candidato a qualquer função pública.

ELE VIRÁ SOBRE AS NUVENS...

Está previsto sobre a vinda do Messias: *“Eis que ele vem sobre as nuvens e todo olho o verá... A sua cabeça e os seus cabelos eram brancos como a lã branca e como a neve”* (Apocalipse c.1 v.7 e 14). Essas passagens do Apocalipse, bem como aquelas em que se prediz o sinal do Filho do Homem sobre as nuvens do céu, aludem à profecia de Daniel: *“E o Ancião dos muitos dias sentou-se; o seu vestido era branco como a neve e os cabelos da sua cabeça como a pura lã; o seu trono era de chamas de fogo.... e eis que vi um que parecia o Filho do homem, que vinha com as nuvens do céu...”* (Daniel c.7 v.9-14).



Decifrando o enigma bíblico sob a ótica cabalística, significam essas profecias que, no dia do SENHOR, o Filho do Ho-

mem estará com os cabelos brancos (logo em avançada idade), e será visto por toda a humanidade numa rede mundial de televisão.



Não foi por acaso que, justo no século em que INRI CRISTO reencarnou, DEUS inspirou os cientistas a inventar a televisão, a internet e as aeronaves. Há dois mil anos o ALTÍSSIMO lhe facultara a visão metafísica do porvir, de seu retorno à Terra:

*“Virá tempo em que desejareis ver um dos dias do Filho do Homem, e não o vereis. E vos dirão: Ei-lo aqui, ou ei-lo acolá. Não vades, nem os sigais. Porque assim como o clarão brilhante dum relâmpago ilumina o céu duma extremidade à outra, assim será o Filho do Homem **no seu dia**” (Lucas c.17 v.22 a 24).*

Essa passagem bíblica retrata como serão os dias em que INRI CRISTO percorrerá as nações a bordo de uma aeronave (ao observarmos um avião deslocar-se à noite com as luzes piscando, sua trajetória veloz assemelha-se à do clarão brilhante do relâmpago). Por isso, quando disserem: “Ele está no México”, então já estará na Alemanha, e quando disserem: “Ele está na Alemanha”,

já estará no Japão, e assim por diante.

No entanto, há que se atentar para um relevante detalhe que, dentre todos os Evangelistas, **somente um teve o cuidado de registrar: a reprovação do Filho do Homem por ocasião de seu retorno**, no qual se repetiria o desprezo e o descaso dos habitantes da Terra, como sucedeu nos dias que antecederam o dilúvio:

“Mas primeiro é necessário que ele sofra muito e seja rejeitado por esta geração. Assim como foi nos tempos de Noé, assim será também quando vier o Filho do Homem. Comiam e bebiam, tomavam mulheres e davam-se em núpcias, até o dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio, que exterminou a todos...” (Lucas c.17 v.25-35).

A reprovação é inevitável uma vez que INRI CRISTO contraria interesses, ideias e valores estabelecidos; afinal, nem há dois mil anos conseguiu agradar a todos. Voltou a este mundo unicamente para cumprir a vontade de seu PAI, SENHOR e DEUS. INRI persevera firme em sua marcha rumo ao triunfante e inexorável destino que lhe foi reservado.

Nos breves relatos deste livro é possível constatar que existe um contraste abissal entre o Cristo real, autêntico, cujos passos deixaram e deixarão marcas indeléveis na história da humanidade, e o Cristo folclórico e fantasioso que as religiões impregnaram na cabeça dos incautos e dos ingênuos cristãos.

O dom do discernimento vem de DEUS, e só Ele pode revelar a verdade no foro íntimo de cada ser humano, pois como nos ensina INRI CRISTO: DEUS e a Verdade são uma só coisa.

“Conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres.”

(João c.8 v.32)

“VIVE CADA DIA COMO SE ESTIVESSE ESCALANDO
UMA MONTANHA.

UMA OLHADELA DE VEZ EM QUANDO AO CUME
MANTER-TE-Á O ALVO PRESENTE NA MENTE.

MAS DEVES ADMIRAR A CADA NOVA ETAPA AS LIN-
DAS PAISAGENS QUE SE ESTENDEM LÁ EMBAIXO.

ESCALA DEVAGAR, UNIFORMEMENTE, GOZANDO
CADA MOMENTO QUE PASSA.

ENTÃO, TUA CHEGADA AO CUME SERÁ UM CLIMAX
ADEQUADO PARA TODA A VIAGEM”.

Asusana Renard



*Desfile de **INRI CRISTO** e discípulos(as) na
Esplanada dos Ministérios de Brasília,
a Nova Jerusalém do Apocalipse c.21,
em prol da Democracia Plena no Brasil*